



Guardiões da Memória: Possibilidades e Experiências do Projeto Extensionista Realizado pelo Programa Gengibre (UFV)¹

Felipe Luchete de OLIVEIRA²

Kátia de Lourdes FRAGA³

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

Resumo

Apresenta-se neste artigo a vivência, a metodologia, os resultados e os apontamentos do primeiro ano do projeto *Guardiões da Memória: Tradição e identidade compartilhadas por congadeiros de Cachoeira de Santa Cruz, Paula Cândido, Ponte Nova e São José do Triunfo*. Promovido pelo Gengibre – Programa Interdisciplinar sobre Cultura Popular, da Universidade Federal de Viçosa, o projeto tem como proposta reunir líderes do Congado de quatro comunidades para que compartilhem experiências e impressões sobre a rica manifestação que preservam.

Palavras-chave

congado; cultura; extensão universitária; projeto; memória.

1. Introdução

A Zona da Mata mineira, no sudeste do Estado, apresenta variadas festas e manifestações populares, carregadas de símbolos, signos e saberes. Em igrejas, ruas, roças e casas, mãos unem-se em oração, corpos movimentam-se, olhares direcionam-se a imagens de santos, mesas fartas ficam à espera dos momentos de banquetes, espadas cruzam-se e cantos contam memórias. Memórias de um povo que carrega histórias e experiências de vida – algumas alegres, outras sofridas – e transmite esses conhecimentos tradicionalmente de forma oral, preservando um rico patrimônio cultural imaterial⁴.

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Interfaces Comunicacionais, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Estudante do curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária, da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, no ano letivo de 2008. Membro do Gengibre – Programa Interdisciplinar sobre Cultura Popular. e-mail: felipeluchete@yahoo.com.br

³ Orientadora. Professora de Radiojornalismo e Coordenadora de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa (UFV); mestre em Comunicação, Imagem e Informação pela Universidade Federal Fluminense – PPGCOM/UFF; Jornalista formada pela Universidade Federal do Espírito Santo. e-mail: katiafraga@ufv.br

Co-Orientadora: Carla Cristina Oliveira de Ávila, Professora do curso de graduação em Dança da Universidade Federal de Viçosa (UFV); mestre em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e coordenadora do Gengibre – Programa Interdisciplinar sobre Cultura Popular. e-mail: carlaavila@ufv.br

⁴ De acordo com a classificação da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), patrimônio cultural imaterial ou intangível “compreende as expressões de vida e tradições que comunidade, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus



Com a preocupação de valorizar tais riquezas e ampliar a discussão de sua importância no ambiente local e acadêmico, o Gengibre – Programa Interdisciplinar sobre Cultura Popular, formado por docentes e discentes da Universidade Federal de Viçosa, desenvolve trabalhos com comunidades da região e visa refletir acerca da existência das tradições na conjuntura da contemporaneidade. O Programa Gengibre atua nos ramos da Pesquisa, do Ensino, da Extensão e das Produções Artísticas e Audiovisuais, de modo que essas áreas se relacionem e não sejam encaradas como unidades separadas. Entre as atividades promovidas, descreve-se neste artigo o projeto de extensão *Guardiões da Memória: Tradição e identidade compartilhadas por congadeiros de Cachoeira de Santa Cruz, Paula Cândido, Ponte Nova e São José do Triunfo*, realizado entre os meses de março e dezembro de 2008, com continuidade em 2009. A finalidade de descrever o processo de trabalho não se baseia na intenção de fornecer uma receita definitiva a outros pesquisadores e interessados na cultura popular⁵, mas sim de demonstrar possibilidades e experiências conquistadas e, dessa forma, dialogar com outras propostas existentes e estimular a realização de novas ações.

O projeto teve como objetivo geral promover encontros entre representantes do Congado de quatro comunidades da região circunvizinha de Viçosa⁶, apontadas no título, para estimular o contato entre eles e suscitar discussões referentes à tradição e à identidade nas perspectivas do passado, do presente e do futuro, como será explicitado adiante. Além de intermediar essas discussões, os membros da equipe produziram um vídeo-documentário com o registro audiovisual de falas, cantos e imagens captados em entrevistas, encontros e momentos da festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e a outros santos de devoção negra.

A escolha por focar o Congado é explicada por ser um dos folguedos mais presentes no contexto local. Com características diferentes de outras regiões do país e até mesmo entre si, as quatro comunidades realizam manifestações recheadas de elementos: cantos; embaixadas; passos; cortejo real; coroação de reis, rainhas, príncipes e princesas; atos litúrgicos; banquetes coletivos. Manifestações que apresentam uma “estrutura organizacional complexa, disseminada em uma tessitura ritual que desafia e

descendentes”. Afinal, “não só de aspectos físicos se constitui a cultura de um povo. Há muito mais, contido nas tradições, no folclore, nos saberes, nas línguas, nas festas e em diversos outros aspectos e manifestações, transmitidos oral ou gestualmente, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo”.

⁵ Embora existam interpretações variadas para definir esse conceito, adotamos a definição de Lara Linhalis Guimarães: “Da cultura popular fazem parte objetos ou práticas que são compartilhados em seus significados pelas classes sociais excluídas do bloco do poder em determinado momento histórico e situação social” (2006, p. 23).

⁶ A cidade de Viçosa localiza-se a 225 quilômetros de Belo Horizonte.



ilude qualquer interpretação apressada de sua simbologia e significância” (MARTINS, 1997, p. 44).

Já a escolha por atuar pontualmente com representantes de cada localidade justifica-se por serem pessoas respeitadas em suas comunidades, tanto na realidade cotidiana como nos dias de festa, assumindo os cargos mais altos da hierarquia do Congado. Esses líderes, na maioria idosos, assumem o papel social de *Guardiões da Memória*, conforme definição formulada pela pesquisadora Olga Von Simson (2000): como uma biblioteca viva, são detentores centrais dos conhecimentos da tradição, responsáveis por transmitir às gerações seguintes os conhecimentos dos mestres antigos, somados às suas próprias vivências.

Assim, é possível notar que o conceito de memória utilizado não se restringe à capacidade individual de recordar informações ou acontecimentos. Concebe-se como um fenômeno social, “construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1992). Compreendemos a memória não como repetição do passado, mas uma herança cultural que possibilita ao homem repensar e vincular experiências anteriores com o presente; herança que funciona como plataforma de referência⁷, fornecendo bases sólidas para futuras ações⁸, e que estimula o processo de construção de signos e símbolos em determinada comunidade – portanto, a construção de cultura.

Acontecimentos, histórias, lugares e personagens caracterizam a memória. Estruturam nossas relações sociais, ritos e tradições e proporcionam a sensação de pertencimento no ambiente social com o qual convivemos. A memória

é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992).

As manifestações tradicionais e as narrativas orais compreendem importantes perpetuadores desse sentimento individual e coletivo. Não se voltam apenas a seres e crenças metafísicos, mas refletem também situações e relações do cotidiano;

antes de serem representações religiosas, estéticas e mesmo imagéticas de uma época, (...) são parte de um mundo real em que, ao se produzir relações sociais

⁷ MENEZES, *apud* SANTOS, 1994.

⁸ VON SIMSON, 2000.



de produção também se constroem, ao mesmo tempo, cultura (MACHADO, 2007, p. 2-3).

A cultura popular encontra meios de preservar a história dos ancestrais e reafirma de forma cíclica os valores do grupo. Isso não quer dizer que seja estática: ela reinventa-se constantemente, (re)significa-se a cada ano e a cada festa.

O conhecimento tradicional, porém, enfrenta as mudanças intensas provocadas pela dinâmica contemporânea. Apesar da pluralidade de meios escritos e eletrônicos, capazes de preservar construções simbólicas em materiais tangíveis, a sociedade de hoje é caracterizada por Olga Von Simson como a sociedade do esquecimento (2000), marcada por um ritmo fortemente acelerado e uma quantidade avassaladora de informações. Como resultado, segundo a autora, o homem perde a sua memória, ou seja, a capacidade de selecionar fatos e vivências importantes para serem lembradas.

Nas constantes mudanças da pós-modernidade, como analisa Stuart Hall (2001) – ou da modernidade tardia, como outros autores preferem denominar –, muitos pesquisadores preocupam-se com a possibilidade de que a tradição se perca (assim como muitos dos congadeiros participantes do projeto aqui descrito, conforme se descreverá posteriormente). Os membros do Programa Gengibre, longe de preverem um cenário drástico, consideram importante e necessário realizar estratégias para que a tradição não se descaracterize na contemporaneidade, e sim que ambas coexistam, sem serem encaradas como antíteses ou paradoxos. O projeto *Guardiões da Memória*, ao promover o diálogo entre representantes do Congado de várias comunidades, propõe-se a estimular o fortalecimento de cada uma delas a partir da identificação comum de valores, problemas, soluções e expectativas, por exemplo. Ao elaborar como produto final um vídeo-documentário, espera ainda conciliar comunicação e tecnologia, utilizando-as como instrumentos favoráveis à perpetuação e à valorização dos saberes herdados.

2. Descrição

Aprovado no início de 2008 pelo Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária, da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Viçosa, o projeto teve coordenação da professora Carla Ávila, do curso de graduação em Dança, e da professora Kátia Fraga, do curso de Comunicação Social/ Jornalismo, e contou com um estudante bolsista e uma equipe composta por cinco estudantes de graduação



voluntários e um estudante de pós-graduação. Por integrarem um programa interdisciplinar, os membros são vinculados a diferentes áreas da instituição: cursos de Comunicação Social/ Jornalismo, Dança, Geografia e Ciências Econômicas, além do mestrado em Extensão Rural. Assim, cada um dos pesquisadores-extensionistas⁹ contribuiu com as especificidades de sua área.

A elaboração do projeto, ainda em 2007, surgiu a partir das pesquisas realizadas desde 2004 junto à banda de Congado de São José do Triunfo¹⁰ e do interesse demonstrado por participantes do Congado em outras três comunidades na região circunvizinha: Airões¹¹, Paula Cândido¹² e Ponte Nova¹³. No início do período letivo de 2008, a equipe procurou contatar as quatro comunidades e identificou na comunidade de Airões aspectos internos e externos que presumiam questões de liderança difusas, diferentemente do contexto presenciado no ano anterior. Dessa forma, a equipe optou por realizar o trabalho com outra comunidade e, por conselho dos Guardiões da Memória de São José do Triunfo, convidou representantes da banda existente em Cachoeira de Santa Cruz¹⁴.

Os participantes do projeto ao longo do ano, portanto, foram Antonio Francisco de Oliveira, Francisco de Souza e João Cláudio de Souza, de Cachoeira de Santa Cruz; Sebastião Ambrósio Jerônimo e José do Carmo de Oliveira, de Paula Cândido; Maria Theodora da Silva, de Ponte Nova; e José da Paixão Virgílio e Geraldo Augusto Virgílio, de São José do Triunfo. Esses representantes são conhecidos em suas comunidades, respectivamente, como Seu Antonio Teresa, Seu Chiquito e Seu João; Seu Zizinho e Seu Zé Diquinho; Dona Quininha; Seu Zeca e Seu Dola.

Durante o processo de realização do projeto, os integrantes do Programa Gengibre julgaram mais conveniente adotar estas últimas denominações. Também preferiram encarar a atividade extensionista não como “um simples acontecimento fora da escola em que os estudantes vão à comunidade para prestar serviços” (GOULART, 2004, p. 71), de forma assistencialista, e sim como uma oportunidade de compartilhar saberes e experiências com os Guardiões da Memória e outros moradores das comunidades, respeitando seus pontos de vista e suas vivências.

⁹ Usamos esse termo por não visualizarmos extensão sem pesquisa.

¹⁰ Distrito de Viçosa, distante aproximadamente sete quilômetros do centro da cidade, conhecido popularmente como Fundão.

¹¹ Distrito do município de Paula Cândido.

¹² Cidade distante 19 quilômetros de Viçosa e 253 quilômetros da capital.

¹³ Cidade a 170 quilômetros de Belo Horizonte e 50 quilômetros de Viçosa.

¹⁴ Distrito de Viçosa, conhecido também como Cachoeirinha, a 14 quilômetros do centro da cidade.



3. Metodologia

A metodologia foi sistematizada em três fases: a) trabalho de campo e registro escrito e audiovisual; b) planejamento de encontros entre os Guardiões da Memória; c) decodificação do material e edição de um vídeo-documentário.

Na primeira fase, a equipe pesquisou separadamente o contexto de cada uma das comunidades participantes. Antes de iniciarmos o trabalho de campo, nos preocupamos em estudar e debater textos de áreas como Antropologia, Comunicação e História Oral¹⁵. Esse embasamento teórico prévio foi considerado fundamental para a compreensão do objeto de estudo e para a definição de melhores formas de abordagem, que além de eficazes cumprissem o ideal do Programa Gengibre de respeitar os mestres e brincantes das tradições. Em seguida, contatamos e convidamos os representantes de cada Congado a integrar as atividades do projeto, procurando deixar claras nossas intenções e nos comprometendo a fornecer os materiais produzidos. Com a aceitação de todos eles, iniciamos em cada localidade estudos de suas peculiaridades, o que incluiu entrevistas orais e audiovisuais. Nas entrevistas, realizadas na maioria das vezes nas casas dos próprios congadeiros, questionamos características locais do Congado – memórias dos antepassados, estrutura ritual da festa e da banda; instrumentos utilizados, participação da família, vestimentas –, registramos cantos e o mito que fundamenta a tradição¹⁶, questionamos suas percepções a respeito do mundo atual (tecnologia, valorização da cultura, violência, preconceito) e enfocamos ainda aspectos da vida pessoal dos Guardiões, por entender que o Congado na comunidade relaciona-se com a história de cada um deles, como os valores aprendidos, as dificuldades e as conquistas. A partir da decupagem e da sistematização desse farto material, a equipe elaborou um

¹⁵ Sobre essa preocupação teórica, destacam-se entre as questões estudadas: os métodos qualitativos de pesquisa utilizados pela Antropologia – observação participante, entrevista aberta, contato direto com o universo investigado (VELHO, 1978, p. 36); a tarefa do pesquisador em transformar o exótico em familiar (DAMATTA, 1978, p. 28); a possibilidade da cultura popular servir-se de meios técnicos para reorganizar determinada manifestação (SIGRIST, 2004, p. 48-9); a função mnemotécnica das narrativas e das dramatizações nas sociedades orais (LÉVY, 1993, p. 75-129); as relações entre tradição, mídia e modernidade (THOMPSON, 1998, p. 159-180); a importância da História Oral para captar testemunhos de assuntos não arquivados (BRIOSCHI; TRIGO, 1987, p. 635); o uso do gravador (KOSMINSKY, 1984, p. 32) e a técnica da liberdade, na qual o entrevistado conta sobre sua vida, ao acaso das lembranças (KOSMINSKY, 1984, p. 31)

¹⁶ Conta-se que, no tempo da escravidão, a imagem de Nossa Senhora do Rosário foi encontrada (na mata, em uma loca de pedra, no mar ou no deserto). Homens brancos, padres e bandas de música tentaram levar a imagem para a igreja, mas ela nunca permanecia no altar. Acabava voltando sozinha ao mesmo lugar onde fora vista. Então os negros a transportaram, por meio de orações, cantos, toques de instrumentos e danças, e dessa forma a santa ficou definitivamente na igreja. A Rainha Isabel teria sido informada do acontecido, e por essa razão assinado a lei de libertação dos escravos. Assim, todos os anos, a banda de Congado sai às ruas para rememorar o acontecimento e louvar em agradecimento à santa.



mapeamento dos temas tratados, identificando assuntos comuns abordados por congadeiros de lugares diferentes.

A segunda fase compreendeu o planejamento e a realização de encontros entre os Guardiões da Memória, além da elaboração dos focos principais a serem discutidos e analisados entre os integrantes. A partir do mapeamento dos temas tratados, a equipe analisou tais assuntos e refletiu as questões a serem levantadas. Em todos os encontros, nos responsabilizamos pelo contato com os participantes, o transporte, o café oferecido e as acomodações físicas. Além do planejamento estrutural, nos preocupamos em desenvolver formas de apresentação coerentes com a realidade dos congadeiros, capazes de tornar o ambiente prazeroso e propício para a concretização do objetivo geral.

A princípio, a equipe do projeto identificou uma série de problematizações a serem discutidas durante os encontros, o que incluiu seleção de textos, filmes e documentários. As primeiras experiências organizadas pelo grupo, todavia, demonstraram que não eram necessárias mediações constantes; bastava reunir os congadeiros, propor questionamentos, e eles estabeleciam as redes de maneira espontânea.

Foram promovidos quatro encontros, entre os meses de setembro e dezembro, dois deles na sede do curso de Dança da UFV, um na Escola Municipal Cel Antônio da Silva Bernardes – após apresentação de bandas de Congado nas festividades referentes ao aniversário de Viçosa – e outro na casa de Seu Dola e Seu Zeca, no distrito de São José do Triunfo.

Paralelamente à primeira e à segunda fases metodológicas, o estudante bolsista encarregou-se de fazer a decupagem de cada gravação realizada, o que compreendeu assistir, digitar todas as falas, anotar a duração de cada fita¹⁷ e selecionar os momentos mais relevantes. Os integrantes da equipe também acompanharam e filmaram as festas de Nossa Senhora do Rosário, realizadas nas quatro comunidades nos meses de outubro e novembro de 2008. Com base em cerca de 15 horas de gravações audiovisuais, incluindo entrevistas, encontros e festividades, o Programa Gengibre produziu, na terceira fase do projeto, o vídeo-documentário *Guardiões da Memória*¹⁸.

¹⁷ As fitas utilizadas eram as de formato MiniDV, com 60 minutos de duração. Vale ressaltar os demais equipamentos técnicos utilizados para as filmagens: câmera MiniDV com entradas para microfone; microfone “boom” e tripé. Em alguns casos, utilizou-se iluminação artificial.

¹⁸ Os conteúdos previamente selecionados das fitas foram transformados em formato digital. Para a edição não-linear, foi utilizado o programa Adobe Premiere.



O curta-metragem tem aproximadamente 20 minutos de duração e registra saberes dos congadeiros de Cachoeira de Santa Cruz, Paula Cândido, Ponte Nova e São José do Triunfo. O documentário relaciona suas falas, destacando a devoção a Nossa Senhora do Rosário, os cantos aprendidos dos antepassados, o mito fundacional, o desejo de cada Guardiã de continuar no Congado e suas opiniões sobre a relação entre o conhecimento tradicional e a contemporaneidade.

4. Temas Abordados

Nas entrevistas e nos encontros entre comunidades, foram abordadas questões acerca do Congado, da cultura e da própria vida deles nas perspectivas do passado – relembrando festas e mestres antigos, acontecimentos e como viviam antigamente –, do presente – organização do festejo, participação dos mais jovens, dificuldades, conquistas, momentos de emoção durante a festa, comodidades existentes hoje – e do futuro – perpetuação da manifestação, expectativas para os anos seguintes. Entre as principais questões problematizadas, destacamos algumas das que relacionam tradição e contemporaneidade, por ser este o principal foco do Programa Gengibre.

Segundo a maioria dos congadeiros participantes, uma das principais preocupações é o desinteresse dos jovens em assumir responsabilidades para continuar a tradição. Embora muitas crianças participem, poucos adolescentes costumam integrar a banda de Congado nas quatro comunidades. As principais causas apontadas para esse fato são o namoro, a mudança de religião e os aparelhos tecnológicos. Abaixo, citamos algumas opiniões:

“Seu João - Eu acho que o Congado passa por fases muito difíceis, sabe? Porque a geração de hoje, né, acho que até já comentou, hoje a juventude de hoje não quer saber de fazer...

Seu Antonio - Não quer não.

Seu João - Não quer saber de participar, então é por isso, não sei, daqui uns 10 anos, uns 15 anos pra frente, como é que... né? Que pode tá (...) A gente tenta talvez ensinar, um filho, um outro mais novo, mas ninguém não quer saber de compromisso. Não tá os dois reis véio? Só tá eu. Já to tentando procurar outro pra ficar junto comigo também, mas ninguém quer...”¹⁹

¹⁹ Trecho de encontro realizado no dia 07 de setembro de 2008.



“Seu Zé - Ah, tem muitos aí que começa, a hora que vai virando rapaz, arruma a namorada, parece que a namorada tira da cabeça...

Seu Zizinho - Tem preconceito.

Seu Zé - É (...)

Carla Ávila - Vocês acham que tem preconceito por quê?

Seu Zizinho - A namorada? Fica com vergonha. (...) Devia ter orgulho... Eles têm vergonha de vestir saia (risos). Quem veste saia é mulher”.²⁰

“Seu Zeca - Esses menino hoje em dia aí, se tiver um computador eles não faz mais nada, não faz mais nada não. Não querem ir pra escola, passa da hora de comer, se não deixar ficar no computador um tempo eles entra depressão... Tem que deixar ir. Esses menino hoje tão assim”.²¹

Apesar dessa dificuldade, grande parte dos Guardiões afirmou sentir que o Congado é mais valorizado atualmente. Eles citaram a existência das leis de incentivo à cultura (a banda de Paula Cândido, por exemplo, recebeu recursos para vestimenta, instrumentos, lanche e divulgação depois de um projeto aprovado pelo governo estadual) e o crescimento do interesse por pessoas de fora da comunidade. Sobre os pesquisadores, os congadeiros acreditam que eles podem contribuir com a preservação e o reconhecimento da manifestação, ajudando inclusive a legitimá-los:

“Dona Quininha - Graças a Deus que Nosso Senhor me concedeu essa grande graça, Nossa Senhora do Rosário me concedeu essa grande graça de ouvir ocês dentro da minha casa (...) Passar pra quem tá chegando, porque tem muita gente que acha que é mentira, que o que a gente tá falando é mentira”.²²

“Seu Zeca - Igual esse trabalho que [vocês] vêm fazendo, ajudando a crescer o movimento, ajudando todo mundo, porque muita gente às vezes óia assim, e ele quer desfazer, mas com essas pessoas com a gente, cai o beijo e volta, né, a levantar. Então é... é uma coisa muito importante”.²³

²⁰ Trecho de entrevista realizada no dia 22 de junho de 2008, em Paula Cândido.

²¹ Trecho de entrevista realizada no dia 21 de abril de 2008, em São José do Triunfo.

²² Trecho de entrevista realizada no dia 13 de abril de 2008, em Ponte Nova.

²³ Trecho de entrevista realizada no dia 21 de abril de 2008, em São José do Triunfo.



Outra questão importante refere-se à intenção de cada um deles em continuar no Congado. Assim como os líderes mais antigos continuaram diante de vários obstáculos, eles alegam que só deixarão de integrar a banda quando não estiverem mais vivos:

“Dona Quininha - Nós tamo fazendo nossa festa aí, não tamo sabendo se tem gente gritando, nem se não tem nem nada. E vamos continuar assim até quando Deus quiser! Que a hora que Deus falar assim ‘agora num é mais seu dia’, aí não é mesmo não”.²⁴

“Seu Dola - Eu não tenho, eu não tenho plano de largar, eu posso até ficar na cadeira de roda, mas acompanhar... mesmo que eu não possa dançar, eu vo acompanhar, me toca na cadeira de roda, vo acompanhar”.²⁵

5. Considerações

O conhecimento que os líderes do Congado tiveram uns dos outros e o modo como se trataram durante os encontros, demonstrando respeito e curiosidade uns pelos outros, foram os principais resultados positivos visualizados pela equipe. Juntamente com os materiais disponibilizados, os encontros suscitaram neles a percepção de que não estão lutando sozinhos. O projeto reafirmou o papel social exercido por cada um deles e fortaleceu o sentimento de irmandade. Seu Zizinho, por exemplo, pôde assistir a banda de Congado de São José do Triunfo e dialogar com Seu Dola e Seu Zeca pela primeira vez (embora a distância entre as localidades seja de apenas 19 quilômetros, eles não se conheciam).

Acreditamos ainda que, ao se verem retratados em mídias, como no vídeo-documentário, os Guardiões da Memória puderam se “auto-descobrir” e “auto-valorizar”. Os vínculos estabelecidos entre a equipe e a confiança depositada, além de gerar a parceria, gerou a perspectiva de que a Universidade está acessível e se interessa em promover o intercâmbio entre saber local e o saber acadêmico.

É importante destacar que o Programa Gengibre considerou fundamental não apenas realizar este projeto de extensão, mas refletir sobre como realizá-lo. Todas as

²⁴ Trecho de entrevista realizada no dia 13 de abril de 2008, em Ponte Nova.

²⁵ Trecho de entrevista realizada no dia 21 de abril de 2008, em São José do Triunfo.



etapas metodológicas foram planejadas em grupo, baseadas em pilares teóricos e experiências práticas, e depois de executadas foram discutidas e avaliadas.

Os participantes do projeto – Dona Quininha, de Ponte Nova; Seu Dola e Seu Zeca, de São José do Triunfo; Seu Antonio, Seu Chiquito e Seu João, de Cachoeira de Santa Cruz, e Seu Zizinho e Seu Zé, de Paula Cândido – demonstraram interesse em todas as fases do projeto. Receberam membros da equipe em suas casas, contribuíram com seus conhecimentos, disponibilizaram-se a participar dos encontros e autorizaram filmagens. Eles foram regularmente questionados sobre a pertinência e as abordagens do grupo, o que em alguns momentos resultou em adequações do modo de trabalho.

Ao perceberem as diversas potencialidades do projeto, os membros da equipe propuseram e realizaram desdobramentos: os conteúdos vivenciados e discutidos possibilitaram a redação de artigos; as falas dos participantes, captadas nos momentos de entrevistas, foram analisadas e problematizadas em um processo de criação em artes cênicas, que resultará no espetáculo *Terra Preta*, com estreia em 2009; o bolsista responsável escreveu o livro-reportagem *Guardiões da Memória: Lembranças de Congados*, como projeto experimental de conclusão do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa.

Todos os materiais resultantes do projeto, inclusive o vídeo-documentário *Guardiões da Memória*, foram ou serão entregues às comunidades. Existem pesquisadores que criticam produções midiáticas, alegando espetacularização da imagem ou uma forma de “cristalizar” a manifestação popular. O Gengibre tem consciência de tais riscos e entende que a tradição não é imutável, como já afirmado anteriormente. Em cada material produzido, os professores e estudantes integrantes do Programa prezam pelo cuidado teórico e prático, inclusive consultando a opinião de pessoas das comunidades, com a intenção de legitimá-las e fornecer a elas acervos para memória e fomento.

Com continuidade em 2009, o projeto de extensão *Guardiões da Memória* realizará novos encontros, acrescentando como foco a dinâmica espacial construída por meio da manifestação do Congado. A nova proposta consiste em realizar o mapeamento do contexto social das comunidades participantes, possibilitando à população local refletir e analisar sua própria realidade.

Durante todo o desenvolvimento do projeto, os membros do Programa Gengibre procuraram promover o intercâmbio entre saberes, aprendendo e ensinando, conversando e ouvindo. Assim como os *Guardiões da Memória* esperam continuar com



o Congado, pretendemos realizar essa e outras novas ações, sempre tomando como pressupostos as potencialidades da interface entre diferentes áreas de conhecimento – tanto entre a comunicação e outras ciências, como também entre saber popular e saber acadêmico –, a importância da cultura popular para a identidade local e nacional e a necessidade de projetos empenhados em auxiliar na coexistência entre tradição e contemporaneidade.

Referências Bibliográficas

BRIOSCHI, L.R.; TRIGO, M.H.B. Relatos de vida em ciências sociais: considerações metodológicas. **Ciência e Cultura**, volume 39, número 7, p. 631-637, julho de 1987.

DAMATTA, R. O ofício de etnólogo, ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, E.O. (Org.) **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23 a 35.

GUIMARÃES, L.L. **Reflexões sobre o Congado na série “Identidade Brasil”, do Jornal Nacional, Rede Globo de Televisão**. Monografia (Conclusão do curso de graduação em Comunicação Social/ Jornalismo). Viçosa, 2006. Departamento de Artes e Humanidades, Universidade Federal de Viçosa (UFV).

GOULART, A.T. A importância da pesquisa e da extensão na formação do estudante universitário e no desenvolvimento de sua visão crítica. **Horizonte**, Belo Horizonte, volume 2, número 4, p. 60-73, 1º sem. 2004. Disponível em: <http://www3.pucminas.br/imagdb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20060221184408.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

KOSMINSKY, E. Pesquisas qualitativas: a utilização da técnica de histórias de vida e de depoimentos pessoais em sociologia. **Ciência e Cultura**, volume 38, número 01, p. 30-36, janeiro de 1986.

LÉVY, P. Os três tempos do espírito: a oralidade primária, a escrita e a informática. In: ———. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993. p. 75-129.

MACHADO, M.C.T. **Ainda se benze em Minas Gerais**. Disponível em: <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Maria%20ClaraTomaz%20Machado.pdf>>. Acesso em: 13 jul 2008.

MARTINS, L.M. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário de Jatobá**. São Paulo: Perspectiva. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997. (Coleção Perspectivas).

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2007.



SANTOS, M.C.T.M. **A preservação da memória enquanto instrumento de cidadania.** Disponível em: <http://cadernosociomuseologia.ulusofona.pt/Arquivo/caderno_23/sociomuseologia_1_22/Cadernos%2003%20-1994.pdf#page=76>. Acesso em: 19 nov. 2007.

SIGRIST, M. Co-existência pacífica da tradição com a modernidade: a produção da cultura popular no mundo globalizado. In: BREGUEZ, S. (Org.) **Folkcomunicação: Resistência cultural na sociedade globalizada.** Intercom, 2004. p. 43-54.

THOMPSON, J.B. A nova ancoragem da tradição. In: ————. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 159-180.

UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Patrimônio cultural imaterial.** Disponível em: <http://www.unesco.org.br/areas/cultura/areastematicas/patrimonioimaterial/patrimaterial/mostra_documento>. Acesso em: 26 nov. 2007.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E.O. (Org.) **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36 a 46.

VON SIMSON, O.R.M. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do centro de memória da Unicamp. In: FARIA FILHO, L.M. (Org.) **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação.** São Paulo: Autores Associados, 2000. Disponível em: <<http://lite.fae.unicamp.br/revista/vonsimson.html>>. Acesso em: 10 ago. 2008.